

ESTUDIOS DE ARTES DECORATIVAS
ESPAÑA Y PORTUGAL
RELACIONES CULTURALES
Y ARTÍSTICAS

María Jesús Mejías
(Ed.)

Artes Decorativas
Seminario Permanente
Sevilla, 2016



ESTUDIOS DE ARTES DECORATIVAS

ESPAÑA Y PORTUGAL.

RELACIONES CULTURALES Y ARTÍSTICAS

ESTUDIOS DE ARTES DECORATIVAS
ESPAÑA Y PORTUGAL.
RELACIONES CULTURALES Y ARTÍSTICAS

María Jesús Mejías

(Ed.)

Artes Decorativas
Seminario Permanente
Sevilla; 2016

**Grupo de Investigación Artes Decorativas, Seminario
Permanente**

© Textos de los autores

Printed in Spain-Impreso en España

ISBN 978-84-617-5780-0

Depósito Legal: SE-1923-2016

Maquetación: Antonio J. Santos Márquez

INDICE

Presentación..... 9

Estudios:

DE VASCONCELOS E SOUSA, Gonçalo: *Entre el civil y el sagrado, el cotidiano y el esplendor del aparato: la joyería en Portugal y Brasil (1700-1820)*.....17

HEREDIA MORENO, Carmen; HIDALGO MORENO, Juana: *El transporte de artes suntuarias entre España y Portugal (1621- 1640)*.....71

SANTOS MÁRQUEZ, Antonio J.: *Manuel Duarte, un platero portugués en la Sevilla del seiscientos*.....101

SANZ, María Jesús: *Portugal y España en sus contactos con oriente*..... 109

VARAS RIVERO, Manuel: *Platería portuguesa y española en los territorios fronterizos de la "raya": estado de la cuestión*149

ENTRE EL CIVIL Y EL SAGRADO, EL COTIDIANO Y EL ESPLENDOR DEL APARATO: LA JOYERÍA EN PORTUGAL Y BRASIL (1700-1820)¹

Gonçalo de Vasconcelos e Sousa
Universidade Católica Portuguesa (Porto)

Introdução

Ao longo dos últimos vinte anos vimos reflectindo sobre distintos aspectos da joalheria em

¹ Este texto resulta do convite que nos dirigiu a Prof. Doutor María Jesús Mejías para que apresentássemos uma conferência no âmbito do II Seminário Permanente de Artes Decorativas, organizado pelo Grupo de Investigación de Artes Decorativas/ Seminario Permanente, do Departamento de Historia del Arte da Universidad de Sevilla, e que decorreu no dia 13 de Março de 2015, na Facultad de Geografía e Historia da mesma universidade. Uma parte dos elementos deste artigo foi obtida no âmbito do “*Projecto Aliança: Design e Inovação de produtos de joalheria em Comunidades Criativas mineiras a partir de aspectos tradicionais de sua origem portuguesa*” (2015-2017), da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, e financiado pelo Programa Ciência sem Fronteiras e CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior. A nossa investigação nesse projecto visa a análise a presença e o uso de peças de ourivesaria do ouro e de joalheria em Minas Gerais no século XVIII. O Autor regista o seu reconhecimento aos restantes membros da equipa do projecto: Adriano Mol, Luiz Ozanan, Mara Guerra, Maria Bernardete Teixeira, Pedro Nascimento e Raquel Canaan.

Portugal e no Brasil, vertente artística que alcançou, na sociedade setecentista, tal como já anteriormente, um papel relevante enquanto veículo de ostentação, riqueza, poder e expressão social. No Império Português, todas estas dimensões se relacionaram com as jóias de distintas formas ao longo dos séculos, alcançando uma relevância similar ao que se passava noutras zonas da Europa Ocidental. Neste continente, as jóias desempenharam um papel importante entre as elites durante o Antigo Regime, e a abundância de gemas foi possibilitada devido à descoberta de novas minas, ocorrida durante o século das Luzes, e em que a colónia brasileira ocupou um lugar de destaque.

Tais vertentes da joalheria transportaram-na para um patamar que ultrapassa os meandros da sua própria execução e realidade enquanto pequenas obras de arte e trabalhos de articulação, por vezes, da actividade dos ourives do ouro, cravadores de pedraria e lapidários. Porém, os adornos preciosos constituem, igualmente, veículos de circulação de um gosto internacional, nacional, regional ou local, de modas, ambições, afectos e cobiça². Para além de todo este

² No que poderíamos recordar os assaltos, que também ocorriam em Setecentos. Vd., por exemplo, em 9 de Agosto de 1729, nas gazetas manuscritas de Évora, regista-se que *“Mr. Camus bem conhecido pellos galões que vende, recolhendo-se para sua casa, foi a sua porta roubado do pouco que trasia consigo não podendo tirarlhe hum anel de hum diamante e hum relógio; e gritando sua mulher foi cauza de que dessem em Camus huã cotillada que quasi lhe cortou o pescoso, mas está livre de perigo”*. Vd. LISBOA, João Luís; MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis; OLIVAL, Fernanda – *Gazetas manuscritas da Biblioteca Pública de Évora*. Lisboa: Ed. Colibri; CIDEHCUS-UE; CHC-UNL, 2002, vol. 1, p. 48. Ou, em 1 de Janeiro de 1732, *“Arrombarão o quarto baixo do Conde de Pombeiro, e lhe roubarão tres vestidos muito ricos com todos os seus adereços, toda a sua roupa em que entravão*

arrazoado de vectores, as jóias constituíram um verdadeiro instrumento de ascensão social, pelo que a sua posse e fruição indiciavam a integração da pessoa ou da família entre as elites vigentes, forma de reconhecimento estatutário e sinal de riqueza económica, sendo alvo de frequentes e vultuosos dispêndios por parte dos *principais*³ e daqueles que pretendiam alcançar tal estatuto⁴.

muitas camizas, e garavatas de rendas finas, hum bastão de esmeraldas, e diamantes dous habitos, e outros moveis, e se estima perda em mais de cinco mil cruzados, prenderãose dous lacayos seus com poucos indicios". Vd. LISBOA, João Luís; MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis; OLIVAL, Fernanda – *Gazetas manuscritas da Biblioteca Pública de Évora*. Lisboa: Ed. Colibri; CIDEHCUS-UE; CHC-UNL, 2005, vol. 2, p. 48. Mais tardia, já de 1812, uma notícia na *Gazeta do Rio de Janeiro*, indica o roubo de diversas jóias. "Na noite de 21 de Março do corrente anno roubárão na rua *Formosa da Cidade Nova* os objectos seguintes: hum relógio velho de prata dourada, vidro partido, ponteiro dos minutos e corda quebrados, com hum sinete de ouro fino aberto com armas, hum cordão de ouro, huma cruz de topazios brancos, huma dita fingindo ametistas, hum fio de continhas de ouro da *Bahia*, outro dito de prata, dois alfinetes de peito, hum de topazios amarellos, outro de brancos; e tambem huma escrivaninha cheia de papeis de consequencia, Quem achar, ou tiver noticia de algum dos sobreditos objectos, dirija-se na mesma rua a casa do Capitão Conde *d'Escragno*". Vd. *Gazeta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. N.º 29 (08.04.1812). Agradecemos esta referência à Doutora Patrícia Delayti Telles.

³ Vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – Objectos preciosos, aparato e representação das elites da corte portuguesa de Setecentos. *Armas e Troféus*. Lisboa: Instituto Português de Heráldica. 9.ª s. (2002/2003), pp. 240-241.

⁴ Vd. o caso de Gabriel Tavares e de sua mulher, D. Leonor Pereira da Silva, com referências a jóias diversos no testamento de mão comum (1783), in SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – Legados humanos e devocionais: Artes Decorativas nos testamentos lisboetas da segunda metade de Setecentos. In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos

Este texto abordará algumas questões mais gerais sobre diversos aspectos da joalheria portuguesa setecentista, apresentando ideias que fomos consubstanciando ao longo destes anos de investigação através da publicação de trabalhos de síntese, muitos deles versando aspectos mais minudentes, seja em termos locais, ou face a questões tipológicas. Não deixaremos, contudo, de aproveitar esta oportunidade para divulgar um pequeno estudo de caso, referente a aspectos da joalheria na cidade de Mariana, em Minas Gerais, Brasil, cujo objectivo é tão-só o de fornecer informações para uma melhor compreensão de elementos ainda desconhecidos da joalheria na então colónia na centúria de Setecentos.

Uma leitura geral sobre a joalheria em Portugal e no Brasil em Setecentos

Todos os grupos sociais do Portugal setecentista apreciavam os adornos preciosos, numa viagem que começa, no topo da pirâmide, na Família Real⁵ (figs. 1 a 6), chegando até aos estamentos populares. As peças de joalheria e de ourivesaria do ouro constituíam referências de distinto simbolismo e não eram dispensáveis, pelo que a sociedade fomentava transversalmente a sua execução, aquisição e uso. O luxo tornava-se, pois, um desiderato vivenciado de

e, dir. – *Matrizes da investigação em Artes Decorativas II*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2011, pp. 17.

⁵ Vd., entre outros, PENALVA, Luísa – PENALVA, Luísa – Jóias e representação: as festas da corte portuguesa no séc. XVIII. *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. 43 (Julho - Set. 2000), pp. 112-130.

modo intenso, se bem que de forma distinta, pelos diferentes estamentos sociais, em que o ouro e os diamantes brasileiros, bem como o desenvolvimento agrícola e comercial, conduziram a um desafio que permitiu canalizar para o campo sumptuário os rendimentos disponíveis. Este sentimento e prática socioeconómica percorrem as diferentes regiões de Portugal, ilhas atlânticas e Brasil, assumindo, no entanto, especificidades locais, dependentes, por um lado, do grau de distanciamento dos centros produtores de ourivesaria, mas, e quase sempre, da disponibilidade financeira para investir nestes objectos de representação.

As grandes casas da aristocracia da corte portuguesa não dispensavam os diamantes, as esmeraldas, ou os rubis, assumindo que a jóia constituía, igualmente, um meio de reserva de valor a que se podia recorrer em momentos de maior necessidade. A elas se vinham juntar, se bem que numa proporção menor, algumas das famílias da nobreza e principalidade da província (figs. 7 a 11)⁶. As peças com tais gemas eram socialmente referenciadas como de maior valor, e, nesse sentido, o seu uso, sobretudo se dentro das

⁶ Vd. as jóias adquiridas pelo futuro governador da capitania de São Paulo D. Luís Botelho de Sousa Mourão e Vasconcelos (1722-1798), aquando do seu casamento com D. Leonor Ana Luís Josefa de Portugal (1722-1806), em 1756, in GUERRA, Luís de Bivar – D. Luís António de Sousa Botelho e a penetração no sertão paulista. *In Presença de Portugal no Mundo: actas*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1982, pp. 344-345; SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – As pratas e jóias dos Morgados de Mateus, ao tempo de D. José Maria de Sousa (1800). *In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – Actas do III Colóquio Português de Ourivesaria*. Porto: UCE-Porto; CIONP; CITAR, 2012, pp. 200-201.

tendências de um gosto mais moderno, aferia a disponibilidade económica da casa nobiliárquica para gastar em sumptuária, exibindo a respectiva opulência. Ver e ser visto constituíam propósitos da sociedade de Antigo Regime, expressões comportamentais em que a presença da joalheria de significativo valor económico ocupava um papel de relevo, seja no universo masculino, com tipologias como fivelas e insígnias, ou no feminino, com toda uma panóplia de peças, de iam desde os ornatos de cabeça, com ramagens ou flores⁷, até aos pés, com as fivelas de sapato de senhora.

Qualquer circunstância se poderia tornar propícia à oferta de uma jóia, e, segundo os relatos do conde da Ericeira, no segundo quartel do século XVIII, os momentos em que tal sucedia desmultiplicavam-se entre a nobreza da Corte⁸. Doenças, aniversários, o

⁷ Assemelhavam-se a *pequenos jardins de Primavera*, pela presença de flores, pássaros ou insectos. Vd. OREY, Leonor d' – Esplendor e fantasia. In OREY, Leonor d', dir. – *Cinco séculos de joalheria: Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa*. Lisboa; London: IPM; Zwemmer, 1995, p. 55.

⁸ Vd. o excelente trabalho de recolha e sistematização, LISBOA, João Luís; MIRANDA, Tiago C. P. R.; OLIVAL, Fernanda – *Gazetas manuscritas da Biblioteca Pública de Évora*. Lisboa: Ed. Colibri; Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora; Centro de História e Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 2002, vol. 1 (1729-1731); LISBOA, João Luís; MIRANDA, Tiago C. P. R.; OLIVAL, Fernanda – *Gazetas manuscritas da Biblioteca Pública de Évora*. Lisboa: Ed. Colibri; Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora; Centro de História e Cultura da Universidade Nova de Lisboa 2005, vol. 2 (1732-1734); LISBOA, João Luís; MIRANDA, Tiago C. P. R.; OLIVAL, Fernanda – *Gazetas manuscritas da Biblioteca Pública de Évora*. Lisboa: Ed. Colibri; Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora; Centro de História e Cultura da Universidade Nova de Lisboa; Centro de História de Além-Mar da

nascimento de uma criança, visitas ou outros acontecimentos mais óbvios, como a celebração de um casamento, representavam momentos-chave do viver quotidiano em que a jóia funcionava com testemunho de afecto, mas, também, de poder, tanto por parte de quem ofertava, demonstrando abastança, como, igualmente, de quem a recebia, visto enriquecer o seu escrínio⁹.

Na segunda metade do século XVIII, a proeminente joalheria portuguesa, enriquecida pela abundante pedraria chegada da colónia brasileira (fig. 12), atinge um dos momentos mais importantes da sua História. Aos modelos internacionais então em voga e a outras características mais específicas, associaram-se gemas coloridas e com valor relativamente acessível, o que permitiu aos ourives do ouro portugueses executar um conjunto de peças dotadas de grande efeito cénico.

Toda esta multiplicidade de pedraria cintilante e de grande impacto acabaria por criar um conjunto de peças revelador daquilo que denominámos, há anos, de *festa da cor na joalheria portuguesa* ¹⁰. Ametistas, topázios, águas-marinhas, cristais de rocha, crisoberilos, gemas nem sempre designadas pelos nomes técnicos, mas pela terminologia da época – pingos d'água, crisólitas, topázios brancos, entre outras – eram

Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores, 2011, vol. 3 (1735-1737).

⁹ Vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – A Corte Portuguesa de Setecentos e a joalheria: elementos para o seu estudo. *Revista de Artes Decorativas*. Porto: UCE-Porto; CITAR. N.º 4 (2010), pp. 103-108.

¹⁰ Vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – A ourivesaria portuense nos séculos XVIII e XIX: I – As jóias (séc. XVIII). *O Tripeiro*. Porto: Associação Comercial do Porto. 7.ª s., 14 (Jan.-Fev. 1995), p. 27.

aproveitados para a execução de diversas tipologias de adornos. Uma vez isoladas, outras combinadas, a elas se vinham juntar as folhetas coloridas, com grandes resultados cromáticos. Neste conjunto de pedras, assumiu especial predilecção em Portugal, pelo que nos é dado observar através dos exemplares sobreviventes e, também, pelos elementos documentais coevos, o topázio, nas suas distintas variantes. O impacto visual dos *topázios amarelos* e dos *topázios vermelhos*, como eram identificados os que apresentavam tais tonalidades¹¹ – para além dos *topázios brancos* e outros –, tornava-os apreciados pela clientela para a execução de brincos, pendentos – designadamente seguindo as distintas variantes dos modelos em girândola –, anéis, fechos de pulseira, ou ornamentos de toucado¹². Novos estudos terão de indagar se o respectivo valor económico seria semelhante em Portugal ou no Brasil.

Às peças de maior valor juntavam-se, portanto, outras de menor mais-valia económica, mas que contribuíam para criar uma imagem de luxo e de pujança. Essa representação não pode ser dissociada das especificidades e riquezas do traje da época, tanto masculino como feminino, sem cuja percepção não

¹¹ Vd. vários casos entre as jóias que figuram em quadros do estudo Vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – Jóias e outros adornos preciosos em Vila Rica de Ouro Preto (Minas Gerais, Brasil), no século XVIII. In RIVAS CARMONA, Jesús, coord. – *Estudios de Platería, San Eloy 2016*. Murcia: Universidad de Murcia, 2016 (no prelo).

¹² O Museu de Évora possui um conjunto muito interessante de peças com topázios, como se pode observar in CORDEIRO, Isabel; SANTOS, Rui Afonso; SOROMENHO, Miguel, coord. – *Inventário do Museu de Évora: coleção de ourivesaria*. [Lisboa]: Instituto Português de Museus, 1993, pp. 322-323; 332-333; 340-345; 348-349; 356-359; 362-363.

chegaremos a um entendimento real sobre o papel da joalheria, tanto na Europa em geral como, em particular, no Portugal de Setecentos. Os acessórios e as peças de vestuário, com os tecidos e as suas cores¹³, bem como os motivos decorativos de forte efeito visual permitido pelos espolinados em forma de ramagens e flores, o que acentua a presença dos elementos fitomórficos entre as gramáticas ornamentais utilizadas preferentemente no período em estudo, concorriam para a criação de um tom alegre e festivo.

As memórias dos estrangeiros que residiram ou visitaram o País nesse período mencionam a dimensão teatral do uso da joalheria e o fascínio que causavam os quilates das gemas, numa corte eivada de práticas exibitórias para expressar a dimensão social e económica dos adornos preciosos dos que a frequentavam. Suscita-nos alguma reflexão a competição pelo uso das melhores jóias, a que não seria estranha também a intencionalidade de manifestação do poder pelos membros da Família Real, de quem se esperaria o uso dos atavios mais espectaculares. A sua utilização tornava-se, também, uma manifestação do poder da Casa Real e da sua supremacia perante toda a corte, numa exaltação dos sentidos, em que a magnificência das peças e a constante execução e renovação dos exemplares com pedraria constituiriam parte da encenação, sucessivamente, das cortes joanina, josefina e mariana.

¹³ Vd., a esse propósito, o estudo SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – Uma loja de tecidos em Ponta Delgada, nos finais do século XVIII. In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, dir. – *Matrizes da investigação em Artes Decorativas III*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2012, pp. 11-40.

As jóias, tal como as peças de prataria, faziam parte dos investimentos das grandes casas da aristocracia lusa, e é nesse contexto que assistimos a importantes dispêndios nestes domínios, por vezes relacionados com ourives com quem iam assumindo vultuosas contas, como sucedeu entre os marqueses de Abrantes e o ourives lisboeta José Luís da Silva¹⁴, ou a ligação entre os duques de Lafões e João Paulo da Silva¹⁵, o mestre executante da custódia de Runa, entre os finais de Setecentos e os primeiros anos da centúria seguinte¹⁶. Os casamentos dos filhos e das filhas constituíam ocasiões privilegiadas para mandar executar jóias aos principais ourives, sinal do senhorio da Casa, por representarem veículos de expressão de poder, mas também pela dimensão do valor económico que lhes é associado.

A perpetuação deste apreço pela joalheria ficou registada através da documentação, das peças sobreviventes e pela representação dos objectos no retrato. Este último veículo constitui uma forma privilegiada de aferição corporal da presença das jóias, uma forma especial de apreciar o uso das diversas tipologias. Pode suceder que alguns pintores inventassem pormenores, distorcendo a imagem real do

¹⁴ Vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *A joalheria em Portugal: 1750-1825*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1999, pp. 126 e 129; IDEM, *A ourivesaria da prata em Portugal e os mestres portuenses: História e sociabilidade (1750-1810)*. Porto: Ed. do Autor, 2004, pp. 143-146.

¹⁵ Vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *A joalheria em Portugal: 1750-1825*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1999, p. 126.

¹⁶ Vd. SILVA, Nuno Vassallo e – *As custódias-jóias de Setecentos. Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. 43 (Jul.-Set. 2000), pp. 90-92.

adorno, mas, nessas situações, a comparação com os exemplares sobreviventes permite uma correcção no sentido de lhe precisar as formas. Tanto no domínio feminino como masculino, este género pictórico expande-se desde a Família Real até às novas classes emergentes – se bem que não possamos falar de um *corpus* imenso de exemplares sobreviventes ou, até, executados –, que sentem a necessidade de deixar a sua representação pictórica para as gerações futuras.

No retrato masculino, privilegia-se a figuração dos hábitos das distintas ordens militares¹⁷, com especial papel reservado à Ordem de Cristo, particularmente aos hábitos de lançar ao pescoço, com as fitas dotadas das suas vivas cores vermelhas. A partir dos finais da centúria, as bandas de grã-cruz e os placares encontram o seu lugar na pintura, podendo recorrer ao Coração de Jesus, fruto da intervenção mariana, datada de 1789, na reorganização das ordens. As outras estão igualmente representadas no retrato, se bem que num número muito menos significativo, recorrendo, na Ordem de Sant'iago, ao púrpura, e na de Avis, ao verde.

A pedraria brasileira foi utilizada nos diversos tipos de insígnias das ordens – hábitos de lançar ao pescoço, placares, medalhas de grã-cruz ou insígnias de

¹⁷ Vd. PIMENTEL, António Filipe – A honra e os seus ícones: sobre a joalharia de função. *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. 43 (Jul.-Set. 2000), pp. 94-110.

lapela¹⁸ –, conforme amplamente testemunhado pela documentação¹⁹.

No campo do retrato feminino, a pluralidade de representações mostra-se bem mais alargada, privilegiando-se as peças cosidas ao traje ou as grandes guarnições de corpete, mais tarde progressivamente substituídas pelos modelos dos pendentos das girândolas, com um número diverso de pendentos amendoados. Nas mãos, pontificavam os anéis, em número variado, e nos pulsos dispunham-se pulseiras aos pares, em geral com fiadas de pérolas ou aljôfares e fechos de pedraria, prática que haveria de perdurar até ao terceiro quartel de Oitocentos. Nos colos, ostentavam colares, designadamente de pérolas, ou pendentos caíam de fitas de veludo ou cetim, contribuindo para uma maior ou menor cenografia da representação pictórica. E, nas orelhas, podem ser identificados distintos modelos, que foram variando ao longo da centúria de Setecentos, por entre pérolas e pedraria, e que à medida que chegou o final da centúria aderiram aos cânones neoclássicos, verticalizando-se (figs. 13-14).

Deste modo, luxo e pragmatismo de representação no dispêndio de vastos cabedais combinaram-se para criar acervos de grande aparato, atendendo às especificidades económicas de um País

¹⁸ Vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *As cores da honra: jóias-insígnias das ordens militares em Portugal (1750-1825)*. In *Actas do II Congresso Europeu de Joyería*. Madrid, Museo del Traje (no prelo, a publicar em 2016).

¹⁹ Vd., para os séculos XVIII e XIX, SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *A joalheria portuguesa dos séculos XVIII e XIX à luz da documentação*. *Museu*. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, 4.^a s., 3 (1995), pp. 115-186.

em que o uso de peças de joalheria se revelou, como dissemos *supra*, um fenómeno transversal a todas as classes sociais. E tal continuou no século XIX, formando-se escrínios de valor significativo, por vezes com uma diversidade de tipologias digna de nota, como ficou registado para a região do Porto, na segunda metade da centúria²⁰.

Uma nota mais sobre a ostentação que envolve esta arte pode ser aferida pela utilização de estojos de couro carmesim com gravados a ouro, executados na segunda metade do século XVIII e cujos motivos foram recebendo as influências estéticas da época. De distintos tamanhos, assumiram igualmente várias formas, consoante a natureza dos objectos que continham. De maiores dimensões para colares e brincos, poderiam comportar colar com pendente central em girândola e brincos de igual feitio, hábitos das ordens militares, ou até acompanhar o movimento convexo das fivelas, cuja ergonomia se adaptava ao peito do pé. Existem estojos mais pequenos para passadores, pentes de toucado ou anéis. Da responsabilidade dos estojeiros, conforme pode ser visto em alguns documentos manuscritos referentes à execução de adornos que incluíam as caixas entre os elementos elencados na factura, alcançavam o importante papel de impressionar mesmo antes de observar a própria peça. Por isso os denominámos já de verdadeiras *antecâmaras* das jóias.

A par das pedras de cores provenientes da colónia brasileira, um outro Portugal usava adornos de ouro, com ou sem recurso a diamantes. Não seria

²⁰ Como se pode observar in SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Tesouros privados: a joalheria na região do Porto (1865-1879)*. Porto: UCE-Porto; CIONP; CITAR, 2012. 2 vols.

propriamente uma *ourivesaria popular*, se bem que a conotação social não fosse indiferente à sua posse efectiva. Entre as tipologias em voga neste domínio, deve ser conferida uma especial atenção ao laço²¹ ou ao sequilé, apenas de ouro ou com o recurso a diamantes, existindo exemplares de estrutura de cravação áurea, mas, também, argêntea. O sequilé, corruptela de *rosicler*²², ganhou foros de grande divulgação em Portugal continental, insular²³ e no Brasil²⁴. Ambas as tipologias poderiam ter um tratamento técnico e formal mais ou menos²⁵ erudito, dando origem a peças de distinta qualidade de execução. Outras peças eram os anéis de pinha, de ouro²⁶, e os inevitáveis cordões, cuja abundância caracterizou fortemente o panorama da

²¹ Ou laça, na terminologia mais popular. Vd. ROSAS JÚNIOR, José – *Jóias Portuguesas: as laças de ouro*. Porto: Imprensa Moderna, 1942.

²² Vd. ROSAS JÚNIOR, José – *Jóias Portuguesas: as laças de ouro*. Porto: Imprensa Moderna, 1942, pp. 14-15; SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *A joalheria no Porto ao tempo dos Almada*. Porto: CITAR, 2008, p. 132, nota 39.

²³ Vd., por exemplo, para Ponta Delgada, SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Riquezas Insulares: pratas e jóias das elites de Ponta Delgada (1775-1815)*. In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e e, coord. – *Artes Decorativas nos Açores: Subsídios para o seu estudo nas ilhas de São Miguel e Terceira*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2015, pp. 143-144.

²⁴ Vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Jóias e outros adornos preciosos em Vila Rica de Ouro Preto (Minas Gerais, Brasil), no século XVIII*. In RIVAS CARMONA, Jesús, coord. – *Estudios de Platería, San Eloy 2016*. Murcia: Universidad de Murcia, 2016 (no prelo).

²⁵ Vd., por exemplo, OREY, Leonor d', dir. – *Cinco séculos de joalheria: Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa*. Lisboa; London: IPM; Zwemmer, 1995, pp. 65-68.

²⁶ Vd. OREY, Leonor d', dir. – *Cinco séculos de joalheria: Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa*. Lisboa; London: IPM; Zwemmer, 1995, p. 67.

ourivesaria setecentista em Portugal. Também as Nossa Senhoras da Conceição de vulto – maciças ou ocas –, que chegavam, em raros casos, a possuir esmalte, ou em medalhas²⁷, povoavam o panorama dos acervos de adornos preciosos em Portugal, a par de outras veneras e, também, das insígnias do Santo Ofício, de ouro inciso com aplicação de esmaltes policromos.

O século XVIII foi particularmente devoto da ornamentação das imagens com trajes e jóias. A abundância de ouro e pedraria diversa possibilitava esta especial devoção, adornando imagens – muitas de roca – com jóias de diversa natureza, tanto no espaço religioso público, nas igrejas e capelas abertas aos fregueses, como no espaço conventual, sobretudo feminino, e no espaço doméstico²⁸.

O acervo dos conventos, em termos de jóias, pode ser aferido através da consulta da obra impressa “*Contas correntes dos objectos preciosos de ouro, prata,*

²⁷ Vd, por exemplo, exemplares com distinta cronologia in SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Colecção de jóias do Museu dos Biscainhos*. Porto: UCE-Porto; CIONP; CITAR, 2011, pp. 103 a 106.

²⁸ Para o espaço doméstico, vd. o importante registo evidenciado no testamento de Francisca Xavier, criada dos condes de Vila Nova de Portimão, redigido em 24 de Dezembro de 1780, quase dez anos depois de ter morrido o 6.º conde, D. José Maria, e pouco depois do casamento do então titular, D. Pedro, com D. Helena Xavier de Lima, ocorrido em Novembro desse ano. Neste documento importa ressaltar os legados de jóias que estabelece a favor da imagem de Nossa Senhora da Conceição do oratório do palácio, e de uma imagem de Sant’Ana, a favor da criada grave, D. Isabel da Cunha Guedes. Vd. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Legados humanos e devocionais: Artes Decorativas nos testamentos lisboetas da segunda metade de Setecentos*. In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, dir. – *Matrizes da investigação em Artes Decorativas II*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2011, p. 36.

*e jóias que pertenceram aos conventos suprimidos do continente do reino*²⁹, o que nos fornece uma panorâmica de que instituições possuíam adornos, muitos deles, certamente, relacionados com a sua imaginária. Nestes domínios os conventos femininos teriam muito maior cuidado com os adornos e as imagens de especial devoção eram frequentemente enriquecidos com ofertas e legados por parte dos devotos, pois, para além das imagens marianas e de outras santas, havia um especial apreço enriquecimento do acervo dos Meninos Jesus.

Esta joalheria devocional permite que na actualidade existam alguns ricos espólios de jóias em museus portugueses, designadamente os do Museu Nacional de Arte Antiga, Soares dos Reis, de Évora ou Machado de Castro, em Coimbra, apenas para referenciar alguns. Há, também, em diversos acervos paroquiais ou de irmandades, peças guardadas e cujo levantamento merecerá de futuro alguma atenção, mas, que, em certos casos, tem revelado peças de grande interesse, designadamente nas dioceses de Évora³⁰ e de Beja³¹. Neste enquadramento, na ilha de São Miguel,

²⁹ Vd. *CONTAS correntes dos objectos preciosos de ouro, prata, e jóias que pertenceram aos conventos suprimidos do continente do reino*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1842.

³⁰ Na arquidiocese de Évora existem diversas jóias inventariadas, algumas das quais são referenciadas por CARVALHO, Rui Galopim de – *Pedras preciosas na arte e devoção: Tesouros gemológicos na Arquidiocese de Évora*. [S.l.]: Fundação Eugénio de Almeida, D.L. 2006; CARVALHO, Rui Galopim de – *Pedras preciosas na arte sacra em Portugal*. [S.l.]: CTT Correios de Portugal, D.L. 2010.

³¹ Vd., por exemplo, FALCÃO, José António, dir. – *Entre o Céu e a Terra*. Beja: Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja, 2000, vol. 2, pp. 308-313, 316-320 e 341-369; vol. 3, pp. 241-247; IDEM, dir. – *As formas do espírito: Arte sacra na diocese*

referenciamos aquele que será provavelmente o mais interessante escrínio de jóias de uma irmandade, o Tesouro do Senhor Santo Cristo dos Milagres de Ponta Delgada, em que se destacam os adornos da respectiva imagem³².

Sem podermos determinar a que convento pertenceu, um pequeno livro setecentista do actual espólio da Sé do Porto regista o “Rol dos Brincos e vestidos do Menino do Prezepio”, elencando as peças de prata³³ e as peças de ouro³⁴ que lhe pertenciam. Este registo datará cerca de 1749-1750, pois, em Janeiro de 1752, Soror Isabel da Visitação, escreve que a essa data existia mais um coração filigranado de ouro que, com licença da Madre Abadessa, se havia trocado por dois

de Beja. Beja: Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja, 2002, vol. 1, pp. 225-254.

³² Vd. PIMENTEL, António Filipe – Percursos do Barroco nos caminhos do Atlântico: o culto e o tesouro açoriano do Senhor Santo Cristo dos Milagres. *Oceano*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 43 (Jul.-Set. 2000), pp. 55- 64; FRANCO, Anísio [et al.] – Obras expostas. In PIMENTEL, António Filipe; PENALVA, Luísa; FRANCO, Anísio (dir.) – Splendor et gloria: *Cinco jóias setecentistas de exceção*. [Lisboa]: Museu Nacional de Arte Antiga, 2014, pp. 100-113.

³³ Coroas, resplendores, vara com açucenas de S. José, um *cavalinho*, um *coração com setas e chave*, e um *passarinho em huá flor falça*. Vd. Acervo da Sé do Porto, doação do pintor Amândio Silva, doc. s/n.º (em inventariação em Agosto de 2016), f. [1].

³⁴ Um broche de esmeraldas, um *abito de Christo, com escrito, e cadeia de aljofres*, um *cachorrinho*, um *passarinho*, um *coração*, uma *figa com aljofres*, dois *corações*, um de ouro de filigrana e outro de esmalte com laço de filigrana e pedra, uma *caixinha com dois corações de esmalte e dois corações unidos de esmalte e aljôfares, que o menino tem nos braços*. Vd. Acervo da Sé do Porto, doação do pintor Amândio Silva, doc. s/n.º (em inventariação em Agosto de 2016), f. [1-2].

botões de ouro, *que ficam*, para além de haverem sido igualmente incorporados no pequeno escrínio uma *figuinha* de ouro e um *papagaiozinho* de prata *com suas pedrinhas*³⁵.

Jóias em Mariana, Minas Gerais, no século XVIII

O estudo do uso e fruição das peças de joalheria e de ourivesaria do ouro e da prata enquanto adornos vai aportando resultados algo distintos consoante as regiões do Império Português, o que é natural atendendo às diferenças geográficas e às distâncias face aos principais centros produtores. Tal constitui umas das motivações para o conhecimento das peças utilizadas no Brasil, bem como das nomenclaturas locais. No entanto, a generalidade das tipologias e dos materiais mantém-se relativamente idêntico, com algumas especificidades e variações dependendo da erudição, da imaginação ou até da importação de peças, cuja aferição concreta se encontra, contudo, vedada do nosso conhecimento por falta de documentação. Em apêndice, registamos alguns inventários de pessoas que viveram em Mariana³⁶, cidade de Minas Gerais, no Brasil, nas duas metades do século XVIII. Nem todas eram abonadas, em termos

³⁵ Vd. Acervo da Sé do Porto, doação do pintor Amândio Silva, doc. s/n.º (em inventariação em Agosto de 2016), f. [6].

³⁶ Alguns dados sobre peças de prataria em Mariana, designadamente de inventários presentes no apêndice a este artigo, foram dados a conhecer no nosso estudo SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Aspectos da investigação dos objectos móveis no actual panorama historiográfico luso-brasileiro: reflexões e breves estudos de caso*, nas actas do II Congresso A Casa Senhorial: Anatomia de Interiores, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015 (no prelo, a publicar em 2016).

económicos, mas mesmo alguns dos menos favorecidos economicamente possuíam uma ou outra peça em metal precioso, nem que fossem umas fivelas de prata.

Vejamos, então, alguns casos recolhidos nessa documentação, que nos fornecem uma panorâmica geral dos distintos tipos de peças, materiais e algumas técnicas, e que servirão de mote para tecer algumas considerações e comparações com elementos entretanto já estudados.

A generalidade dos inventários apresenta como material precioso de base o ouro, havendo muitas peças exclusivamente realizadas neste metal. O acervo de Helena Rodrigues, natural do Rio de Janeiro, de quem foi testamenteiro o Sargento-mor Manuel Ferraz, era composto por diversos cordões de ouro com quase 110 oitavas de peso e ainda por uns botões áureos (quadro I). Peso quase idêntico, alcançavam os diversos cordões de Catarina Silva, natural de Alcabideche, termo de Cascais, no Reino, que fora casada primeira vez com Francisco Xavier e a segunda com António Gomes Vieira (quadro II)³⁷.

Outras tipologias de ouro que vingaram no uso, pelo especial carácter de religiosidade em Terras de Vera Cruz, foram as cruces e crucifixos³⁸, bem como os Espírito Santos (quadro II). A questão do uso do coral, a

³⁷ Vd. Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, código 51, auto 1154, f. 3, 12, 14-14v.

³⁸ Aliás, a peça mais valiosa entre as dos inventários que apresentamos em apêndice, é um crucifixo de ouro a que foi atribuído o valor de 83\$720 réis (quadro II). Vd. Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, código 51, Auto 1154, f. 13.

que certos autores atribuem conotações mágicas³⁹, encontra também tradução em Mariana, encontrando-se este material entre os bens inventariados de Inácia de Figueiredo Lima, filha natural de Ana de Lima, parda forra, e que nasceu e foi baptizada na freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica de Ouro Preto (quadro VIII). Corais *engranzados* em ouro, braceletes com corais, contas e *granetes* de ouro, bem como outros espécimes mais pequenos, podem ser encontrados entre um leque de diversos de ornamentos, nenhum de valor muito elevado, sendo o acervo interessante, no entanto, por possuir uma certa variedade tipológica. Acresce a este material as gemas locais, com diversos anéis de topázios e um anel e botões de pingos de água⁴⁰, gema commumente referenciada na documentação.

Na vila de Mariana, as principais peças, de valor inferior, contudo, às que tinham um peso significativo de ouro – o que poderia elevar o preço de exemplares menos interessantes do ponto de vista da execução –, correspondiam à presença dos diamantes, havendo também referência a lascas desta gema e a olhos de mosquito, que se referiam, como o nome indica, a

³⁹ Vd. PAIVA, Eduardo França – *Escravidão e universo cultural na colónia: Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, pp. 233-236; e, na senda da sua opinião, MÓL, Cláudia Cristina – Para adornar e proteger: o uso de jóias pelas mulheres forras de Vila Rica. *História Perspectivas*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. n.ºs 27-28 (Jul.-Dez. 2002/Jan.-Jun. 2003), pp. 520-525; e OZANAN, Luiz Henrique – *A joia mais preciosa do Brasil: joalheria em Minas Gerais: 1735-1815*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Departamento de História, 2013, pp. 132-138.

⁴⁰ Vd. as jóia deste inventário in Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, códice 125, auto 2617, f. 11v.-12.

diamantes de minúsculo tamanho (aplicados, nas jóias levantadas, em flores, pulseiras e brincos). Encontramos esta gema em diversas tipologias, sobretudo em brincos, mas, também, noutras, designadamente, o laço, o rosicler, o afogador, o anel, ou em meio adereço formado por laço e brincos (quadro XIII).

A técnica da esmaltagem, muito usada em algumas tipologias, nomeadamente em brincos portugueses seiscentistas e setecentistas, surge pouco representada nas peças dos inventários que levantámos em Mariana, existindo, entre o espólio de Francisca Rider, mulher do capitão João Nogueira Ferreira (quadro III)⁴¹, dois pares de brincos esmaltados com quatro aljôfares, no valor de quatro oitavas de ouro. Nesses inventários pudemos localizar, também, os aljôfares, ou seja, pequenas pérolas irregulares, que se encontram aplicados em fios, meadas, pulseiras, mas, sobretudo, em brincos, genericamente identificados, ou com a denominação específica de cadeados e de cabaça (quadro XIII).

Outras peças são as que poderíamos designar como de distinção⁴², representadas nos bens que ficaram por falecimento do Capitão Joaquim da Silva Costa, viúvo de D. Escolástica Jacinta Ferreira de Castilho (quadro X). Em inventário iniciado em 1790⁴³, surgem

⁴¹ Vd. Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, códice 87, auto 1846, f. 4.

⁴² Sobre esta noção, vd. o que escrevemos em SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – Jóias e outros adornos preciosos em Vila Rica de Ouro Preto (Minas Gerais, Brasil), no século XVIII. In RIVAS CARMONA, Jesús, coord. – *Estudios de Platería, San Eloy 2016*. Murcia: Universidad de Murcia, 2016 (no prelo).

⁴³ Vd. Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, códice 84, auto 1791, f. [6v.]

identificados alguns dos tipos de ornamentos-chave para a representação pública dos cargos de milícias e dos *homens de condição*, designadamente um fagote, um bastão e uma chibata, todos com aplicações de prata, para além das habituais fivelas de sapato, calção, esporas e pescocinho. Ou seja, os adornos mais simbólicos surgiam complementados pelas fivelas de diverso tipo, elementos importantes de complemento do traje e sinais de dignidade social no ajaezar masculino.

Aberto em 1772, o processo de inventário *post-mortem* de D. Francisca Teresa de Jesus, viúva do tenente Martinho de Freitas Guimarães e casada segunda vez com o Ajudante Manuel Ferreira Coutinho (quadro V), situa-nos entre as elites de Mariana, revelando um conjunto de peças de algum valor, atendendo ao contexto desta localidade. Segundo registo que pensamos ser de seu filho, também chamado Martinho de Freitas Guimarães, “Declarou o inventariante que na cidade Marianna em poder de sua Mai Dona Francisca Thereza de Jezus se achavão (...) varias pessas de diamantes como são hum broxe com suas pedras dos dittos = hum aderesso grande com suas pedras amarellas e diamantes em prata = outro dito mais pequeno com pedras amarellas e diamantes tão bem em prata = duas flores grande de pedras amarellas e diamantes em pratta dous fios de aljofares grossos de pescosso = hum par de brasseletes de ouro com diamantes, e aljofares (...) e outras couzas mais de que elle inventariante não tem lembrança (...)”.

Verifica-se, portanto, a relevância dos diamantes e provavelmente dos topázios ou crisólitas, inseridos nas principais tipologias, destacando-se o

adereço grande, com as gemas engastadas em prata, como era característico na joalheria da época. Não deixa de possuir fios de aljófares para o pescoço e um par de braceletes de ouro, diamantes e aljófares, que lhe compunham os punhos e que corresponderia a um sinal de distinção, atendendo à frequência com que surgem nos figurados nos retratos. Portanto, se presumirmos que as flores se destinam à ornamentação do toucado, como era frequente à época, D. Francisca Teresa de Jesus dispunha de jóias em quantidade e qualidade para, ajazendo-se devidamente, honrar o merecimento social de seus sucessivos maridos e cumprir um papel adequado ao seu estatuto, na intrincada malha social da Mariana Setecentista, designadamente aquando dos acontecimentos sociais e religiosos em que participaria.

Notas finais

O século XVIII marcou indelevelmente a joalheria portuguesa, num contexto pleno de riquezas possibilitadas pelo ouro e pedraria brasileira, a que acresce o desenvolvimento da agricultura e comércio em Portugal, se bem que em diferentes fases desta centúria.

Uma das marcas mais significativas da joalheria lusa setecentista foi, nos dois últimos terços da centúria, o constante uso de pedras brasileiras coloridas. Tal permitiu a concretização de uma joalheria de influência europeia, mas com um exotismo muito ao gosto do que se passava nesse continente, que transformou o século das Luzes numa vivência exponencial dos distintos cromatismos, se bem que cada estética possuía as suas cores predilectas. Assim, as mais intensas, que Barroco

e Rococó favoreceram, cederam lugar a outras mais ténues, no Neoclássico, designadamente pelo uso de águas-marinhas e crisoberilos, por exemplo. A gema rainha revelou-se, contudo, em Portugal e no Brasil, o topázio, nas suas diversas variantes, e a documentação alude, por vezes, a tais distinções gemológicas.

Nos principais centros existiam ourives de qualidade, sobretudo em Lisboa e no Porto, mas os mestres espalhavam-se de Norte a Sul de Portugal, ilhas, Brasil, Goa ou Macau, se bem que seja necessário um levantamento dos ourives de uma forma mais aprofundada, o que não quer dizer que não tenha sido, em parte, efectuada⁴⁴.

Nos vastos espaços do Império Português, o século XVIII assistiu à vivência de uma sociedade de representação, em que o luxo e a distinção se aliaram para impressionar. Nesse cenário, as jóias constituíram uma forte marca de sociabilidade entre as elites, que investiam vastos cabedais na sua execução, sobretudo as da corte de Lisboa. No entanto, em diversas localidades, os principais da terra, tanto homens como mulheres, aplicaram largos recursos para melhor se

⁴⁴ Vd., por exemplo, para o Brasil, TRINDADE, Cónego Raimundo – Ourives de Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. *Revista do Património Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro. 12 (1955), pp. 109-149; ALVES, Marieta – *Mestres ourives de ouro e prata da Bahia*. [Baía]: Museu do Estado da Bahia, 1962; MARTINS, Judith – *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1974; ALVES, Marieta - *Dicionário de artistas e artífices na Bahia*. Salvador Bahia: Universidade Federal da Bahia: Conselho Estadual de Cultura, 1976; FRANCESCHI, Humberto M. – *O ofício da prata no Brasil: Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1988; BRANCANTE, Maria Helena – *Os ourives na História de S. Paulo*. São Paulo: Árvores da Terra, 1999.

ajazarem. Os estamentos populares também possuíam os seus adornos preciosos, pelo que o papel histórico, sociológico e artístico da joalheria e da ourivesaria do ouro se afirma como um marco de referência transversal às principais localidades e, em geral, a todos os grupos sociais.

Bibliografia⁴⁵

CARVALHO, Rui Galopim de – *Pedras preciosas na Arte Sacra em Portugal*. [S. l.]: CTT, 2010.

CATÁLOGO *das jóias e pratas da Coroa*. [S. l.]: Palácio Nacional da Ajuda, 1954.

Catálogo. *La magie des couleurs et des pierres: bijoux du XVI^e au XIX^e siècle*. Europalia/91 – Portugal, Bruxelles: Galerie KB, 22 septembre – 1 décembre 1991.

CORDEIRO, Isabel; SANTOS, Rui Afonso; SOROMENHO, Miguel, coord. – *Inventário do Museu de Évora: Coleção de Ourivesaria*. [S. l.]: Secretaria de Estado da Cultura; Instituto Português de Museus; Inventário do Património Cultural Móvel, 1993.

COSTA, Laurindo – *As confrarias dos ourives: séculos XV a XIX. O Tripeiro*. Porto. 3.^a Série, 2.^o Ano, n.^o 38 (158) (15 Julho 1927), pp. 216-217.

FRANCESCHI, Humberto M. – *O ofício da prata no Brasil: Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1988.

GODINHO, Isabel da Silveira, dir. – *Tesouros reais*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura; Instituto Português do Património Cultural; Palácio Nacional da Ajuda, 1991.

⁴⁵ Deve ser entendida como uma bibliografia genérica sobre o tema.

- GUEDES, Natália Correia - Fivelas dos séculos XVIII e XIX. *Gráfica 70*. Lisboa. (1970), pp. 62-65.
- MACEDO, M. Fátima – *Raízes do ouro popular no Noroeste português*. [Porto]: Instituto Português de Museu; Museu Nacional de Soares dos Reis, 1993.
- OREY, Leonor d', dir. – *Cinco séculos de joalheria: Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa*. London: IPM; Zwemmer, 1995.
- PIMENTEL, António Filipe - Reflexos do ciclo do ouro e dos diamantes do Brasil na ourivesaria portuguesa. In *Relaciones artísticas entre la Península Ibérica y América - Actas del V Simposio Hispano-Portugués de Historia del Arte*. Valladolid: Universidad de Valladolid/ Secretariado de Publicaciones, 1990, pp. 207-214.
- ROSAS, Manuel – Introdução às jóias e ao ouro no Norte de Portugal. In *Ourivesaria do Norte de Portugal*. [S. l.]: ARPPA; AIORN, D. L. 1987, pp. 89-112.
- ROSAS, Manuel – Laças. In *Actas do Colóquio Ourivesaria do Norte de Portugal*. [S. l.]: Fundação Eng. António de Almeida, 1986, pp. 219-224
- ROSAS JÚNIOR, José - *Jóias Portuguesas: as laças de ouro*. Porto: Imprensa Moderna, 1942.
- SILVA, Nuno Vassallo e – As custódias-jóias de Setecentos. *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 43 (Jul.-Set. 2000), pp. 78-92.
- SILVA, Nuno Vassallo e – *Joalheria Portuguesa*. Lisboa: Bertand Editora, 1995.
- SILVA, Nuno Vassallo e; BRANCO, Pedro Aguiar – *Luxo, poder e devoção: jóias do século XVI ao século XIX*. Porto: VOC, 2005.

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Colecção de jóias do Museu dos Biscainhos*. Porto: UCE-Porto; CIONP; CITAR, 2011.

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Dicionário dos ourives do ouro, cravadores e lapidários do Porto e de Gondomar (1700-1850)*. Porto: UCE-Porto; CIONP; CITAR, 2012. 2 vols.

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *A joalheria no Porto ao tempo dos Almada*. Porto: CITAR, 2008.

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – A joalheria portuguesa dos séculos XVIII e XIX à luz da documentação. *Museu*. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo. 4.ª s., 3 (1995), pp. 115-186.

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *A joalheria em Portugal: 1750-1825*. Porto: Civilização Editora, 1999.

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Percursos da joalheria em Portugal: séculos XVIII a XX*. Porto: CITAR, 2010, p. 84.

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – Riquezas insulares: pratas e jóias das elites de Ponta Delgada (1775-1815). In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, dir. – *Artes Decorativas nos Açores: Subsídios para o seu estudo nas ilhas de São Miguel e Terceira*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2015, pp. 129-191.

TEIXEIRA, Madalena Braz – *O triunfo da joalheria*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.

APÊNDICE⁴⁶

Quadro I

Peças de joalheria que ficaram por morte de Helena Rodrigues,
sendo testamenteiro o Sargento-mor Manuel Ferraz

Abertura: 17.04.1731

| Descrição | Peso | Valor (rs.) |
|--|--------------------|-------------|
| Ouro lavrado | | |
| Um cordão de ouro | 11 oitavas e ½ | — |
| Um cordão mais de ouro | 32 oitavas e ½ | — |
| Um cordão mais | 24 oitavas | — |
| Um cordão mais | 15 oitavas e ½ | — |
| Um cordão mais | 16 oitavas | — |
| Um dedal e uma agulha de capelo | 7 oitavas [f. 9v.] | — |
| Uma cruz de <i>esfaltadas</i> verdes | — | — |
| Catorze pares de botões com umas <i>collechetas</i> | 28 oitavas e ½ | — |
| Um par de cadeados com diamantes e as pontas de aljôfares | — | — |
| Dois pares de cadeados de aljôfares, um maior e outro mais pequeno | — | — |

⁴⁶ Inventários orfanológicos da zona de Mariana, em Minas Gerais, Brasil.

| | | |
|---|---|---|
| Um par de cadeados lisos com aljôfares na ponta | – | – |
| Um anel de diamantes pequenos | – | – |
| Uma meada de aljôfares com cinco fios | – | – |

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, código 120, auto 2506, f. 9-9v.

Quadro II

Peças de joalheria que ficaram por morte de Catarina da Silva, sendo testamenteiro o Sargento-mor Nicolau da Silva Bragança

Abertura: 15.02.1732 (f. 1)

| Descrição | Peso | Valor (rs.) |
|--|--------------------------|-------------|
| Ouro lavrado | | |
| Um crucifixo de ouro | 45 oitavas de ouro | 83\$720 |
| Um crucifixo de ouro | 6oitavas de ouro | 10\$920 |
| Uma cruz de ouro usada | 3 oitavas de ouro | 5\$460 |
| Uma cruz e ouro e cinco lascas e diamantes | 2 oitavas e ½ de ouro | 14\$400 |
| Quatro pares de botões de ouro usados | 8 oitavas de ouro [13v.] | 14\$000 |

| | | |
|---|--|---------|
| Um par de bichas usadas | 6 oitavas de ouro | 10\$080 |
| Um par de brincos de ouro com cinco lascas de diamantes | 4 oitavas de ouro | 12\$000 |
| Onze pares de botões pequenos e usados | 11 oitavas $\frac{3}{4}$ e 4 vinténs de ouro | 18\$170 |
| Dez botões de ouro pequenos e usados | 2 oitavas de ouro | 3\$170 |
| Três memórias de ouro usadas | 2 oitavas e $\frac{3}{4}$ de ouro | 4\$620 |
| Três pares de botões um par grandes e dois pequenos | 4 oitavas e $\frac{3}{4}$ de ouro | 7\$980 |
| Quatro (?) de ouro | 3 oitavas de ouro [f. 14] | 5\$040 |
| Uns brincos de aljôfar e ouro | Oitava e $\frac{1}{4}$ de ouro | 3\$000 |
| Um Espírito Santo de ouro | Oitava e $\frac{1}{2}$ de ouro | 2\$520 |
| Uma bola de âmbar com sua filigrana de ouro | 3 oitavas | 4\$800 |
| Um cordão de ouro grosso | 41 oitavas e $\frac{3}{4}$ de ouro | 63\$060 |
| Um cordão de ouro grosso | 42 oitavas e $\frac{3}{4}$ de ouro | 74\$812 |

| | | |
|------------------------------------|--------------------------------------|---------|
| Um cordão de ouro fino | 9 oitavas e $\frac{3}{4}$ de ouro | 17\$062 |
| Um cordão de ouro fino | 11 oitavas de ouro [f. 14v.] | 19\$110 |
| Quatro voltas de cordão de ouro | 4 oitavas e $\frac{1}{2}$ de ouro | 7\$875 |

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, códice 51, auto 1154, f. 13-14v.

Quadro III

**Peças de joalheria que ficaram por morte de Francisca Rider,
mulher do capitão João Nogueira Ferreira**

Abertura: 25.08.1739

| Descrição | Peso | Valor (pelo ouro) |
|---|-----------|----------------------|
| Ouro lavrado, e prata | | |
| Dois pares de brincos de ouro esmaltados com quatro aljôfares | 3 oitavas | 4 oitavas de ouro |
| Um par de brincos de ouro com seus aljôfares | 3 oitavas | 5 oitavas de ouro |

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, códice 87, auto 1846, f. 4.

Quadro IV

Peças de joalheria que ficaram por morte de Florência de Barros Alvim, casada que foi com Custódio Lopes da Costa, moradores na freguesia do Forquim

Abertura: 22.08.1769

| Descrição | Peso | Valor (rs.) |
|---|---------------------------|-------------|
| Um par de brincos de ouro pequenos com duas pedrinhas de diamantes cada um (a 1\$400 rs. cada oitava) | Oitava e $\frac{1}{2}$ | 2\$100 |
| Dois pares ditos de ouro com seus esmaltes e estes por trás (?) (a 1\$400 réis a oitava) | 2 oitavas e $\frac{1}{2}$ | 3\$500 |
| Um botão de ouro (a 1\$400 réis a oitava) | 12 vinténs | \$525 |

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, código 87, auto 1843, f. 3.

Quadro V

Inventário dos bens que ficaram por morte de D. Francisca Teresa de Jesus, viúva do Tenente Martinho de Freitas Guimarães e que passou a segundo casamento com o Ajudante Manuel Ferreira Coutinho

Abertura: 23.02.1772

| Descrição | Peso | Valor (rs.) |
|-----------|------|-------------|
|-----------|------|-------------|

| | | |
|--|--|--|
| <p> “Declarou o inventariante que na cidade Marianna em poder de sua Mai Dona Francisca Thereza de Jezus se achavão (...) e bem assim varias pessas de diamantes como são hum broxe com suas pedras dos dittos = hum aderesso grande com suas pedras amarellas e diamantes em prata = outro dito mais pequeno com pedras amarellas e diamantes tão bem em prata = duas flores grandes de pedras amarellas e diamantes em pratta dous fios de aljofares grossos de pescosso = hum par de brasseletes de ouro com diamantes, e aljofares, hua salva de prata grande lavrada e outras couzas mais de que elle inventariante não tem lembrança (...)” (...) [f. 17v.] (...) [Penso que o inventariante é o filho Martinho de Freitas Guimarães] </p> | | |
|--|--|--|

| | | |
|---|---|-------------------------------|
| Um [f. 18] broxe de ouro com seus diamantes | – | 80\$000 |
| Um laço com pedras amarelas e seus brincos com as mesmas, diamantes preparados (?) em prata | – | 48\$000 |
| Um dito maior com seus brincos com pedras amarelas e diamantes | – | 150\$000 |
| Duas flores de prata e ouro com sua pedra amarela no meio e seus olhos de mosquito de diamantes | | 48\$000 |
| Um pulseiras de aljófares e ouro com seus olhos de mosquito | | 48\$000 (...) [18v.] (...) |
| Dois fios de aljófares de pescoço | – | 12\$000 |

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, código 120, auto 2498, f. 15, 17-18v.

Quadro VI

Peças de ourivesaria do ouro que ficaram por morte de Helena Maria, casada que foi com Diogo Soares da Silva, falecida no Arraial do Sumidouro, termo de Mariana

Abertura: 24.03.1777

| Descrição | Peso | Valor (rs.) |
|--|--|-------------|
| Ouro em pó | 101 oitavas $\frac{3}{4}$ e 3 vinténs (?) | 122\$212 |
| Dois cordões de ouro, e outras peças miúdas | 25 oitavas | 35\$000 |

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, código 120, auto 2498, f. 8.

Quadro VII

Peças de joalheria e outras que ficaram por morte do Guarda-mor Gregório Caldeira Brant, casado com D. Ana Francisca Joaquina de Oliveira de Horta

Abertura: 04.02.1780

| Descrição | Peso | Valor (rs.) |
|--|------------|-----------------------------|
| Um espadim de prata rendado | – | 14\$000 [f. 3] |
| Um fagote | – | 9\$600 |
| Um par de fivelas de prata de sapatos com charneiras de ferro, e outras de ligas de calção | 25 oitavas | 2\$500 |
| Um par de esporas de prata com suas fivelas da mesma | 29 oitavas | 2\$900 (...) [f. 3v.] (...) |
| Um afogador de prata com pedras de diamantes com seu laço quebrado também com seus diamantes | – | 72\$000 |

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, código 117, auto 2441, f. 2v.-3; 3v.

Quadro VIII

Peças de joalheria que ficaram por morte de Inácia de Figueiredo Lima, natural e baptizada na freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica, viúva de Joaquim José Gonçalves e filha natural de Ana de Lima, parda forra

Abertura: 17.09.1787

| Descrição | Peso | Valor (rs.) |
|--|--|-------------|
| [Ouro] | 89 oitavas oitavas e ½ (a 100 rs. a oitava) | 8\$950 |
| Uns corais vermelhos <i>emgrazados</i> em ouro | – | 8\$000 |
| Dois braceletes de corais [f. 12]; tem umas contas e <i>granetes</i> de ouro | – | 5\$624 |
| Dois anéis com topázios amarelos | – | 10\$050 |
| Dois anéis de pedras topázios | – | 7\$200 |
| Dois anéis de pedras vermelhas e um de cristal | – | 6\$000 |
| Um anel de pedra amarela pequeno | – | 3\$600 |

| | | |
|--|---|-----------------|
| Outro anel de pingo de água | - | 2\$100 |
| Outro anel de pedra amarela pequeno com diamantes | - | 7\$200 |
| Dois anéis de ouro lisos | - | 1\$400 |
| Um par de brincos de ouro com seus diamantes | - | 16\$800 |
| Um laço e um par de brincos pequenos [com] pedras vermelhas | - | 7\$200 |
| Um par de brincos pequenos com seus aljôfares | - | 1\$800 |
| Dois corais de ouro pequenos e uns olhos de Santa Luzia | - | 1\$200 |
| Um par de botões pingo de água | - | 4\$800 |
| Cinco flores de pedra[s] cravadas em prata (cada uma avaliada em 3\$000 rs.) | - | 15\$000 |
| Uma flor dita pequena quebrada com vidro | - | \$300 [f. 12v.] |
| Um par de botões de ouro [f. 12v.] | - | 2\$450 |
| Um relógio usado com sua corrente de prata | - | 9\$600 |
| Um bastão de pau com castão de prata lavrado usado | - | 2\$400 |

| | | |
|---|---|--------|
| Um par de brincos antigos com aljôfares e pedras de vidro | - | 1\$800 |
|---|---|--------|

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, código 125, auto 2617, f. 11v.-12v.

Quadro IX

Peças de joalheria que ficaram por morte do Capitão José do Vale Vieira, sendo testamenteiro o Padre António Silvério de Melo Brandão

Abertura: 20.02.1789

| Descrição | Peso | Valor (rs.) |
|---|---|----------------|
| Ouro | | |
| Ouro em pó | 6 oitavas e ½ | 7\$800 [f. 16] |
| Um rosário de contas e ouro e chapinhas de ouro e vários <i>aderecinhos</i> tudo de ouro velho, a 1\$400, com o peso de 17 oitavas e 1/4, com o acréscimo de 600 réis, valor da flor do rosário | 20 oitavas e ½ e 4 vinténs | 24\$750 |
| Um par de brincos com 11 pedrinhas de diamantes | 2 oitavas e 7 vinténs; 3 oitavas, ¾ e 6 vinténs de ouro | 4\$725 |

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, código 59, auto 1291, f. 15v.-16.

Quadro X

Peças de ourivesaria de prata que ficaram por morte do Capitão Joaquim da Silva Costa, viúvo de D. Escolástica Jacinta Ferreira de Castilho

Abertura: 01.02.1790

| Descrição | Peso | Valor (rs.) |
|--|------------|--------------|
| Um par de fivelas de sapatos de prata e um de calção e outras das correias das esporas | 48 oitavas | 5\$400 (...) |
| Um fagote com punho e boca ... (?) ponteira de prata com seu boldrié | – | 16\$000 |
| Um bastão de cana de São José da <i>Logoa</i> com castão de prata e ponteira | – | 3\$600 |
| Uma chibata de cana-da-Índia com castão e anel de prata | – | 4\$200 |
| Uma fivela de pescocinho de <i>bexisbeque</i> | – | \$600 |

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, código 84, auto 1791, f. [6v.].

Quadro XI

Peças de ourivesaria da prata que ficaram por morte de Maria Vitória de São José, viúva de Gabriel Barbosa Coura

Abertura: 12.12.1792

| Descrição | Peso | Valor (rs.) |
|--|----------------------|-------------|
| Um par de fivelas de sapatos [de prata] | 19 oitavas e meia | 1\$950 |

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, código 78, auto 1661, f. 3.

Quadro XII

Peça de ourivesaria do ouro que ficou por morte de Bernarda Lopes da Cruz, casada primeira vez com Bernardo José de Meireles e a segunda com Manuel Pacheco Ferreira

Abertura: 16.11.1796

| Descrição | Peso | Valor (rs.) |
|---|-------------------------------|-------------|
| Ouro em pó | 14 oitavas | 16\$800 |
| Um crucifixo de ouro (cada oitava a 1\$400 rs.) | 23 oitavas e $\frac{3}{4}$ | 33\$250 |

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, código 69, auto 1474, f. 2v.

Quadro XIII

Peças de joalheria que ficaram por morte de Ana Teixeira Guimarães, preta mina, sendo testamenteiro o Tenente Pedro da Costa Magalhães

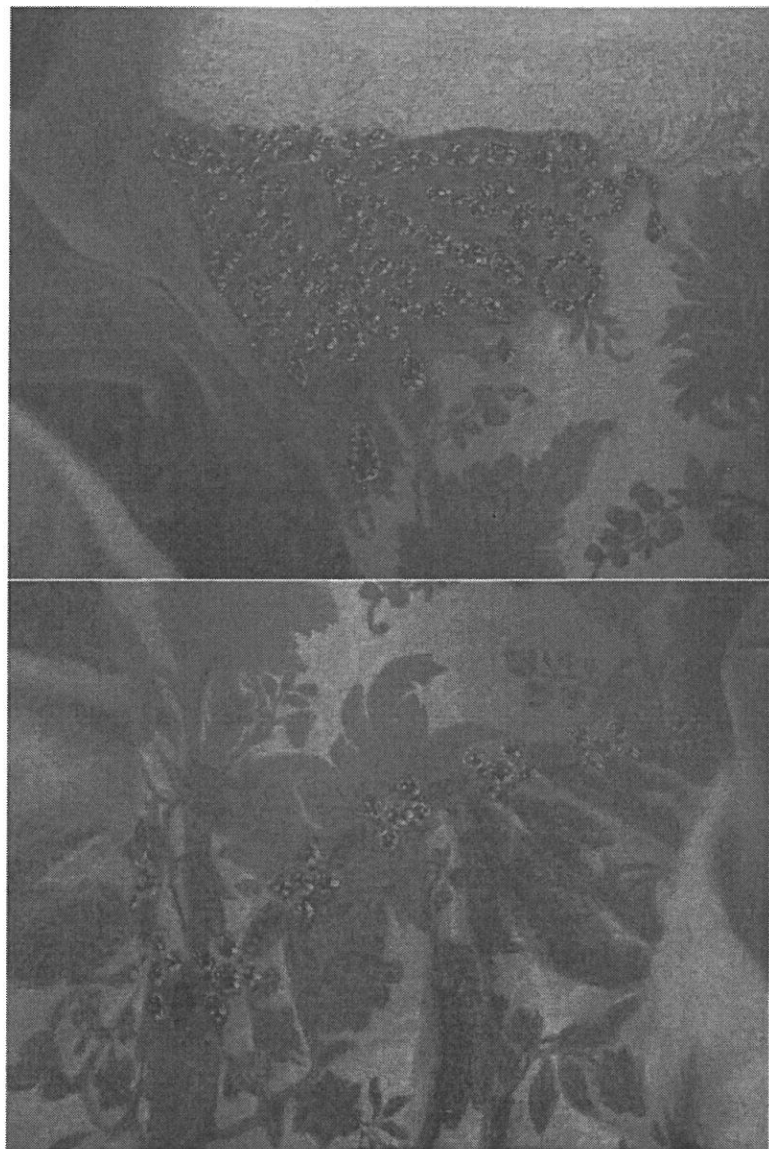
Abertura: 01.10.1797

| Descrição | Peso | Valor (rs.) |
|--|-------------------------------|-------------|
| Um <i>resiclé</i> de ouro com diamantes e seus brincos | – | 40\$000 |
| Um dito de ouro e brincos com diamantes [f. 4] | – | 14\$400 |
| Um laço e brincos de ouro com diamantes | – | 30\$000 |
| Um par de brincos de ouro com olhos de mosquito | – | 4\$800 |
| Um par ditos | – | 5\$000 |
| Um dito par de cabaça de aljófares | – | 3\$000 |
| Ouro lavrado | 57 oitavas e $\frac{1}{2}$ | 80\$500 |

Fonte: Arquivo Histórico da Casa Setecentista (Mariana), *Inventários Orfanológicos*, 1.º ofício, códice 12, auto 410, f. [3v.-4].



Fig. 1. Retrato de D. Mariana d'Áustria, 2.º quartel do séc. XVIII



Figs. 2-3 – Retrato de D. Mariana d'Áustria, 2.º quartel do séc. XVIII; pormenor da guarnição de corpete e da decoração na cintura (ao jeito de cinta) com diamantes e rubis. Colecção do Museu de Angra do Heroísmo.



Fig. 4. Retrato de D. Maria I, décadas de 70/80 do século XVIII, com fierra de flores na cabeça, brincos de pingentes, guarnição de corpete com as armas de Portugal e hábito da Ordem de Cristo. Colecção da Santa Casa da Misericórdia do Porto.



Fig. 5. Retrato de D. Maria I, décadas de 70/80 do século XVIII, com fieira de flores na cabeça, brincos de pingentes, guarnição de corpete com as armas de Portugal e hábito da Ordem de Cristo. Pormenores. Colecção da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

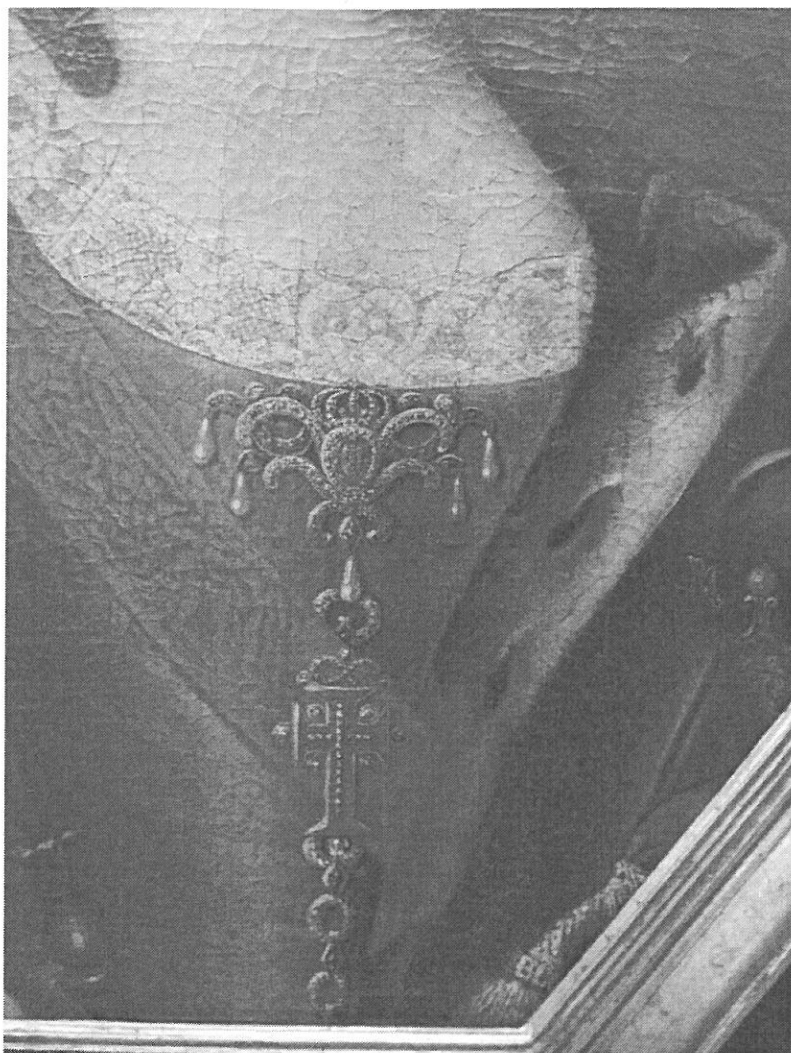


Fig. 6. Retrato de D. Maria I, décadas de 70/80 do século XVIII, com feira de flores na cabeça, brincos de pingentes, guarnição de corpete com as armas de Portugal e hábito da Ordem de Cristo. Pormenores. Colecção da Santa Casa da Misericórdia do Porto.



Fig. 7. Retrato de D. Joaquina Quitéria Pereira de Barros (1749-1804), casada com Manuel Ribeiro de Faria (1727-1804), do Porto, último quartel do séc. XVIII. Pormenor da ornamentação do toucado, colo e guarnição de corpete.



Fig. 8. Retrato de D. Joaquina Quitéria Pereira de Barros (1749-1804), casada com Manuel Ribeiro de Faria (1727-1804), do Porto, último quartel do séc. XVIII. Pormenor da ornamentação do toucado, colo e guarnição de corpete.



Fig. 9. Retrato de D. Teresa Urbana Benedita, mulher de João Lopes Ferraz de Bessa, proprietário da Quinta da China, no Porto, 1788, com pormenores da decoração de toucado com pedraria, colar de pérolas, pendente neoclássico em laço, pulseiras de pérolas com elemento central adornado com gemas e *châtelaine* com esmaltes, pedraria e pérolas. Colecção particular. Fotografia de Stefan Alves.



Fig. 10. Retrato de D. Teresa Urbana Benedita, mulher de João Lopes Ferraz de Bessa. Pormenor.

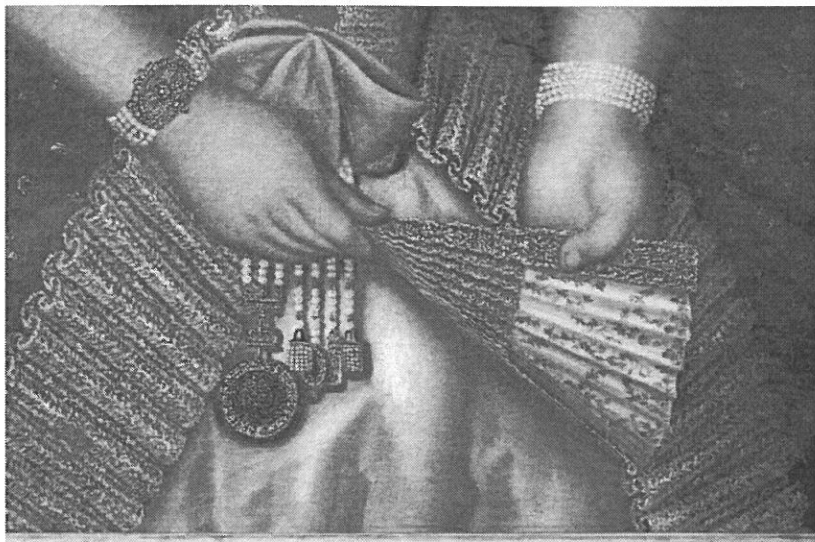


Fig. 11. Retrato de D. Teresa Urbana Benedita, mulher de João Lopes Ferraz de Bessa, proprietário da Quinta da China, no Porto, 1788, com pormenores da decoração de toucado com pedraria, colar de pérolas, pendente neoclássico em laço, pulseiras de pérolas com elemento central adornado com gemas e *châtelaine* com esmaltes, pedraria e pérolas. Colecção particular. Fotografia de Stefan Alves.

5.1.1773

D. Francisco de Menezes Breyner
 Gentil-Homem da Casa d'el-Rei
 Pedreira da

Por este meu alvará de providencia. s. d.
 por mim assignado deo poder alvarado
 deo Rei, q. que por mim, com meu
 nome p. receber. um Saes Com x. x. x.
 topazios, e Criz. taj, que do Rio de Janeiro
 medimete. Me. Breyner. Brey. Brey.
 emo. X. x. x. da. Bona. Cadmo, u. Brey.
 de que le Capp. an. Brey. Brey. Brey.
 deo poder. ad. meu pro. Curador. q. p.
 out. assignad. ind. p. x. x. x. p. L. d.
 5 de Jan. de 1773

D. Francisco de Menezes Breyner

Fig. 12. Documento sobre a vinda de pedras do Rio de Janeiro, Brasil, e destinadas a D. Francisco de Menezes Breyner, Gentil-Homem da Casa d'el-Rei, 1773. Arquivo Histórico da Casa da Moeda, Lisboa.



Fig. 13. Retrato de senhora com jóias, finais do séc. XVIII, do antigo acervo da Casa dos Biscainhos, em Braga. Colecção particular.